



OS PRIMOS



A CARTA
SECRETA
DE COLOMBO



A CARTA
SECRETA
DE COLOMBO
Mafalda Moutinho

Ilustrações
Umberto Stagni



D. QUIXOTE



Publicações Dom Quixote
[uma editora do grupo LeYa]
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide · Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2018, Mafalda Moutinho e Publicações Dom Quixote

Ilustrações | Umberto Stagni

Leonardo da Vinci, *Salvator Mundi* (Abu Dhabi, Louvre Abu Dhabi)
Ridolfo del Ghirlandaio (atribuído a), *Cristoforo Colombo*, (Génova,
Museu do Mar Galata)

Revisão | Manuel Coelho

Capa | Leya

1.ª edição | maio de 2018

Paginação | Segundo Capítulo

Depósito legal | n.º 439 297/18

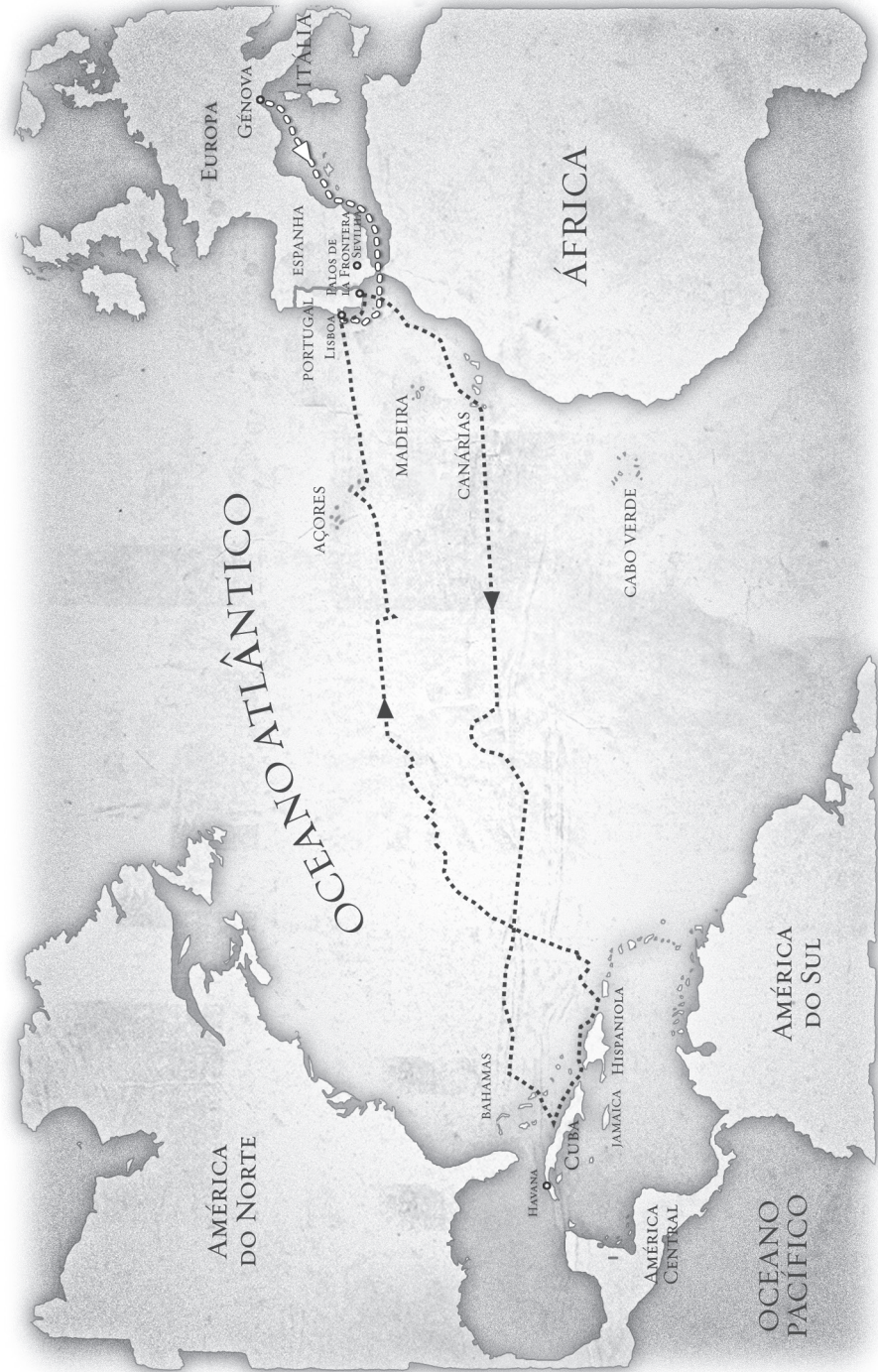
Impressão e acabamento | Guide

ISBN | 978-972-20-6521-4

www.dquixote.pt

Índice

- [15] I - O ALFARRABISTA GENOVÊS
- [41] II - OS SEIS DESAPARECIDOS
- [69] III - OS MANUSCRITOS DE COLOMBO
- [99] IV - PERGUNTEM À VIÚVA
- [129] V - UM ROSTO DESCONHECIDO
- [155] VI - A CARTA SECRETA DE COLOMBO
- [185] VII - A FOTOGRAFIA
- [203] VIII - A CHAVE
- [223] IX - O OVO DE COLOMBO



Para o Joshua, o meu Pequeno Príncipe

NOTAS E AGRADECIMENTOS

Julgo que uma das partes mais interessantes do trabalho de um autor de ficção consiste em fazer uma investigação aprofundada à volta do tema selecionado, frequentemente durante meses, às vezes até anos, procurando ideias para criar um livro com enredo, personagens e cenários cativantes. No meu caso, e até hoje, nunca essa investigação se alargara tanto como para *A Carta Secreta de Colombo*, em que reuni cento e cinquenta páginas de notas e apontamentos.

Além de ter nascido e vivido em Itália, Cristóvão Colombo viveu também em Portugal e Espanha e descobriu o Novo Mundo, o que torna o material de pesquisa disponível muito abundante.

Como disse Tarducci, escritor e historiador italiano, poderíamos cobrir o oceano Atlântico com as páginas que até hoje se escreveram sobre o navegador genovês. Tive muita sorte em poder consultar diretamente fontes em italiano, espanhol, inglês e obviamente em português, porque muitos documentos não estão traduzidos, valorizando assim a quantidade e, acredito, a qualidade da investigação.

Por coincidência, a meio da pesquisa, a venda do quadro mais caro do mundo, o *Salvator Mundi*, de Leonardo da Vinci, forneceu-me a ideia que me faltava para completar o enredo, impelindo-me a alargar a investigação e estudar o passado, não de um, mas de dois italianos famosos da história universal.

Era, assim, imprescindível aproximar-me de um mundo que sempre me encantou, o dos livros e manuscritos antigos, e nada melhor do que um alfarrabista experiente e conceituado no centro histórico de Génova.

Devo, por isso, um especial reconhecimento a Zeffirino Zali, proprietário da verdadeira Libreria Antiquaria, na qual me inspirei, pela disponibilidade, pelo material inestimável que me forneceu e pelas histórias que me contou sobre as bibliotecas antigas existentes nos velhos palácios de Génova, a *Soberba*. Elogio-lhe o carisma e a paixão que dedica à profissão de alfarrabista, uma das mais bonitas e interessantes do mundo, pois lida com este bem precioso e enigmático que é o livro antigo.

Agradeço, acima de tudo, ao Joshua, o meu pequenote e a minha criação mais doce e recompensadora, por me ter mantido inspirada do início ao fim do livro e pelas inestimáveis ideias que me surgiram precisamente quando mais delas necessitava, nos vários momentos de meditação imposta, em que o adormecia às escuras no mais completo silêncio.

Impossível seria não referir o compositor italiano Ludovico Einaudi, que tive a fortuna de descobrir enquanto estava grávida e cuja música é de uma beleza pura, inspiradora e magnetizante, dotada de uma suavidade que nos transporta para um mundo perfeito, nos enche a alma e me salvou nos momentos em que o Joshua era *ligeiramente* menos cooperante.

Agradeço também ao Cal pelos motivantes e encorajadores debates de ideias e pela paciência e o apoio que deu a mim e ao Joshua nos últimos meses, durante os quais a investigação e a escrita eram cada vez mais intensas.

Grazie di cuore a Luigi Massone e ao seu grupo excursionista pela expedição investigativa que me levou aos fortes de Génova e me permitiu escrever um dos capítulos do livro, e também a Mattia di Tota e ao seu pai pela ajuda quanto ao dialeto napolitano.

Agradeço aos meus queridos pais pelos comentários sempre relevantes, oportunos e inspiradores e à minha irmã e ao Carlos, pois todos eles mais uma vez colocaram as suas prioridades em segundo plano, revendo o manuscrito a tempo de este ser enviado para a gráfica.

Agradeço ao Umberto Stagni, que desta vez trabalhou nas ilustrações em Itália, em Espanha e a caminho da Índia, no tempo mais curto de sempre, quando antevíamos o projeto como impossível, pela sua habitual genialidade, empatia e perseverança.

Obrigada também à minha editora, Carla Pinheiro, pelo seu profissionalismo e dedicação e por ser, além disso, uma amiga, e ao meu revisor Manuel Coelho, sempre tão exaustivo e competente.

Termino por me dirigir aos fãs da coleção Os Primos, a quem agradeço a constante motivação e apreço recebidos através da Internet e das redes sociais.

Recco, 21 de Março, 2018

O ALFARRABISTA GENOVÊS

Mordendo o lábio e de sobrolho franzido, Ana deitou uma última espreitadela à Lua, em quarto minguante sobre a cúpula da catedral de S. Lorenzo. De repente, estalou os dedos, fechou as pesadas cortinas do quarto de hotel e exclamou, voltando-se para a irmã e para o primo:

– Já sei! Já sei! Já sei!

– Já sabes o quê? – perguntou Maria, curiosa, de olhos muito abertos.

– Já sei que prenda de anos podemos oferecer ao pai depois de amanhã!

– Chhhhiu! – interrompeu-a a irmã, saltando da cama e encostando a porta de comunicação com o quarto do lado.

– Olha que o pai pode ouvir!

– Não vos ouve, não te preocupes – sossegou-a André, sem desviar o olhar do telemóvel com o qual estava entretido.

– Os vossos pais têm a televisão acesa, estão a ver as notícias. E hoje há notícias muito interessantes...

Eram oito horas e os jovens estavam à espera dos embaixadores para irem jantar a um restaurante da zona, no centro de Génova. Tinham regressado ao hotel uma hora antes para descansarem um pouco, após o primeiro dia de visita à cidade.

– Uhhh... É melhor não arriscar – insistiu a prima mais velha, encostando a porta de mansinho. – De que prenda te lembraste tu, Ana?

– E se lhe oferecêssemos um livro? – respondeu a irmã, com um sorriso de pura satisfação nos lábios, enquanto entrelaçava nos dedos os caracóis castanho-claros.

– Ah, pois claro! Como é que não adivinhei logo? – troçou Maria, rindo. – Que outra coisa poderias tu lembrar-te de lhe oferecer?

– Pois, tu e os livros, Ana! – disse André, fazendo coro com Maria, mas continuando a fixar o ecrã do telemóvel. – Vocês não lhe ofereceram um livro no Natal? Eu sei que ele adora ler, diz sempre *quanto mais livros, melhor*, mas também podias ser um bocadinho mais original...

– Oh! E se fosse um livro sobre Génova, uma vez que viemos aqui passar a Páscoa? – argumentou a rapariga, sem ligar aos comentários. – Podíamos procurar um livro antigo, sobre algum genovês famoso...

A entoação da frase final, arrastada e enigmática, foi escolhida com especial cuidado, dissimulando uma decisão já tomada com uma pergunta inocente.

Era sabido que Ana passava horas e horas em bibliotecas. Adorava livros e, se estes fossem antigos, tanto melhor. A paixão vinha-lhe do pai, o embaixador Torres, possuidor de uma extensa biblioteca e colecionador inveterado de obras raras,

adquiridas por todo o mundo durante os vários destacamentos diplomáticos.

O resultado foi o esperado, pois a ideia pareceu agradar à irmã, que logo se pôs a pensar em voz alta:

– Uhhh... Um livro antigo sobre um genovês famoso... Quem poderia ser?

Antes que tivesse tempo de pegar no telemóvel para procurar a informação na Internet, já os outros dois, lembrando-se imediatamente do personagem mais famoso da antiga cidade italiana, exclamaram ao mesmo tempo:

– Cristóvão Colombo!

– Ah, sim! Claro! Colombo nasceu em Génova – aplaudiu Maria. – Ainda hoje passámos pelo sítio onde antes era a casa dele... Afinal, tiveste uma boa ideia, Ana. Aposto que o pai iria gostar.

– Não deve ser difícil encontrar por aqui um livro sobre Cristóvão Colombo – refletiu a jovem, satisfeita. – Mas tem de ser antigo! Quem sabe, uma primeira edição?

– Já estás a sonhar demasiado – alertou Maria. – Não temos dinheiro para isso...

– Sim, é verdade – anuiu a irmã, descendo de novo à terra. – Essas coisas custam uma fortuna...

– Pois custam! – concordou André, levantando-se da cadeira de repente e mostrando um entusiasmo inusitado. – Mas nunca se sabe! Podemos ter sorte e encontrar um livro cujo valor real seja desconhecido neste momento, mas que daqui a uns anos acabe por valer imenso dinheiro! Até podemos encontrar um autêntico tesouro!

– Ai, André! Eu e os livros e *tu e os tesouros!* – riu Ana, fixando as sardas no rosto do primo e os seus cabelos arruivados

e despenteados. — E onde é que esperas encontrar um livro desses? Qualquer alfarrabista que se preze sabe perfeitamente o valor dos livros antigos que tem à venda na livraria.

— A Ana tem razão. A menos que o alfarrabista não tenha muita experiência... — comentou Maria.

— Ora! Nunca se sabe! — repetiu o primo, empunhando o telemóvel na mão direita com determinação e esboçando um sorriso enigmático. — Muitas obras têm sido descobertas por acaso, após anos e anos sem que ninguém dê conta do tesouro que tem à frente! Acabei agora mesmo de ler uma notícia que fala sobre uma delas...

Ana e Maria entreolharam-se, admiradas. A que notícia se estava o primo a referir? Elas não tinham ouvido falar em nada de especial durante o dia e, tal como os pais, sempre informados sobre tudo o que acontecia no mundo, tinham lido e ouvido os noticiários principais. Olharam para ele, curiosas. Quando André mostrava aquele sorriso indecifrável, até as sardas que lhe sarapintavam o rosto ajudavam a aumentar o mistério.

— De que estás a falar? — perguntou Maria, fitando-o cada vez mais interessada.

— Estou a falar da obra de arte mais cara da história, que acabou agora mesmo de ser vendida num leilão em Nova Iorque! — anunciou André, sem revelar todos os pormenores de uma vez, para aguçar a curiosidade das primas.

— E de quem era essa obra de arte? — perguntou Ana.

— De Leonardo da Vinci! — revelou o rapaz, triunfante. — Trata-se de uma pintura de Jesus Cristo, o *Salvator Mundi*, e tanto quanto se sabe, era o último quadro de Leonardo que ainda estava em mãos privadas.

– Um quadro de Leonardo da Vinci?! – exclamou Ana, surpreendida. – Mas isso... Isso é uma autêntica raridade!

– Podes crer! – concordou ele. – A leiloeira diz que existem menos de vinte quadros no mundo inteiro atribuídos ao pintor. Foi vendido por mais de quatrocentos e cinquenta *milhões* de dólares!

– O quê?! – exclamou Maria, de boca aberta. – Incrível!

– O retrato foi pintado por Leonardo por volta de 1500 – explicou André, relendo os pormenores da notícia. – Ao longo dos tempos passou por várias mãos, incluindo as do rei Carlos I de Inglaterra, mas desapareceu de circulação em 1763.

«Só voltou a aparecer em 1900, mas nessa altura já ninguém fazia ideia de que tinha sido pintado por Leonardo da Vinci, porque entretanto tinham-se perdido os pormenores da sua história e do seu passado. Aliás, até se pensava que era uma obra de um dos seus seguidores.»

– Uau! A sério? – exclamaram as duas irmãs, cada vez mais admiradas.

– O quadro tinha-se deteriorado muito e as tentativas de restauração não tinham tido grande sucesso, pois via-se que tinha sido pintado e repintado nalgumas partes – explicou o primo. – Em 1958, foi a leilão, mas só o venderam por quarenta e cinco libras esterlinas!

– Nem acredito... – murmurou Ana. – Um quadro de da Vinci vendido por *quarenta e cinco libras*?!

– É o que eu estava a dizer! Nem o vendedor, nem o comprador faziam ideia do tesouro que tinham nas mãos! – argumentou André, começando então a fazer contas de cabeça. – Vejam só: passou de quarenta e cinco libras a quatrocentos

e cinquenta milhões de dólares em apenas... cinquenta e nove anos!

O cálculo contribuiu para aumentar a excitação do rapaz que, de olhos muito arregalados, exibia agora dois cífrões no lugar das pupilas.

Ana e Maria sorriram uma para a outra, cada vez mais divertidas. O primo, por seu lado, continuava à procura de mais informações na Internet para prosseguir com a sua argumentação.

– Uhhh... Aqui está! Em 1958, uma libra valia 2\$80 – exclamou, acabando de encontrar o gráfico histórico de taxas de câmbio que procurava. – Ou seja, o retrato não passou a valer o dobro, ou o triplo, ou dez vezes mais... – prosseguiu, com a firmeza de um advogado tentando convencer os jurados numa audiência de tribunal. – Não, senhor! Este pequeno quadro, que ainda é mais pequeno do que a Mona Lisa, e para ver a Mona Lisa, nos dias em que o Louvre está cheio de turistas, quase temos de nos pôr em cima de um banco...

– Andréeee! – interrompeu Ana, divertida. – Vai direto à questão.

– Uhhh... Sim, como eu estava a dizer, este pequeno quadro com mais de quinhentos anos, em pouquíssimo tempo passou a valer *três milhões e meio de vezes mais!*

– Mas o que se passou desde 1958 até hoje? – quis saber Maria, mais interessada na história do quadro do que no seu valor monetário.

– Após a venda das tais quarenta e cinco esterlinas, o quadro voltou a desaparecer por quase cinquenta anos – explicou o rapaz. – Em 2005, foi comprado por um grupo americano

de negociantes de obras de arte e, então, alguém deve ter tido o pressentimento de que se tratava de uma obra de Leonardo, pois decidiram restaurá-lo como deve ser.

«O trabalho levou anos a ser concluído. Consultaram-se curadores de museus e peritos de arte internacionais, até se chegar à conclusão de que se tratava mesmo de um quadro do pintor renascentista. A descoberta só foi anunciada em 2011, e hoje bateram o recorde mundial no leilão!»



– Mas têm mesmo a certeza de que se trata de um quadro de Leonardo da Vinci? – questionou Maria.

– Bem... Certeza absoluta, não têm – admitiu André.
– Aliás, até há muitos peritos que não concordam e que dizem que a atribuição do quadro a Leonardo é incorreta, mas muitos defendem que sim.

— Pois, nestas coisas, a menos que apareça um documento escrito pela mão do próprio da Vinci, ou de outra pessoa igualmente fiável, a confirmar que a obra é dele, nunca se poderá ter a certeza absoluta — considerou Ana.

— Que história incrível! — disse Maria.

— É tudo uma questão de sorte! — concordou André, concentrando-se de novo a pesquisar algo no telemóvel.

— E agora? De que andas à procura? — perguntou Maria, desconfiando que o rapaz estava a preparar alguma.

— Ando à procura de alfarrabistas em Génova — admitiu ele, corando ligeiramente.

Ana e Maria riram-se, mas depressa se sentiram contagiadas pelo entusiasmo do primo.

— Existem muito poucos alfarrabistas e o primeiro que aparece no motor de busca fica a dez minutos daqui, na Via Garibaldi — anunciou o rapaz, cada vez mais exaltado.

— A Via Garibaldi não é a tal dos palácios do século XVI que os pais nos disseram para visitar amanhã, enquanto estão na conferência? — perguntou Maria.

— Aqueles que agora fazem parte do Património Mundial da UNESCO? — acrescentou Ana.

— Precisamente... — confirmou André, com um ar propositadamente enigmático. — Este alfarrabista fica mesmo ali, no número 6...

* * *

Eram nove horas quando chegaram à Via Garibaldi, no centro histórico da cidade. A manhã estava fresca, mas os sinais de que a primavera começava a despontar já eram visíveis nos

ramos das árvores, carregados de rebentos verdinhos, e no chilrear animado e contagiante dos pássaros.

Ana e Maria, também elas influenciadas pelo chegar da estação amena e tendo recebido roupas novas dos embaixadores como presente de Páscoa, tinham decidido estreá-las naquela manhã. Maria estava muito satisfeita com o camisolão cinzento de malha entrançada que escolhera para juntar às calças de ganga brancas justas e com remendos que andavam tanto na moda. Ana, por seu lado, optara por um conjunto de camisola e calças pretas com faixas laterais às riscas encarnadas e azuis que lhe ficava muito bem.

– Via Garibaldi – disse a rapariga, lendo o nome na placa de pedra afixada no início da rua pedonal.

– Antigamente chamava-se Strada Nuova – explicou Maria, lendo o roteiro que trouxera consigo. – Aqui diz que foi construída de propósito a partir de 1550, porque as grandes famílias de Génova queriam uma nova zona residencial.

– Que palácios! – exclamou André, apreciando a excelência dos edifícios. – Deviam ser famílias muito ricas.

– Riquíssimas! – concordou Maria, continuando a ler. – O século XVI foi um século de ouro para os genoveses, graças ao comércio, à marinha mercante e aos banqueiros. Havia imenso dinheiro em circulação, naquela altura.

– Esta rua parece um autêntico museu – comentou Ana.

Os jovens apreciaram as grandes colunas de mármore, os varandins ornamentados, as fachadas decoradas com frescos, esculturas, bustos, pórticos e arcos sumptuosos, os jardins extensos, as escadarias, as arcadas e os salões pintados que se entreviam para lá das portadas imponentes.

— Se são assim por fora, como serão por dentro? — interrogou-se André.

Caminharam vagarosamente alguns metros, observando os pormenores arquitetónicos dos edifícios, até chegarem a um palácio que se distinguia dos outros pela sua imponência e que por isso lhes chamou a atenção.

— Número 9, Palazzo Doria-Tursi — informou Maria, lendo o guia.

— Agora é a Câmara Municipal de Génova, mas imaginem como teria sido viver ali dentro! — sugeriu Ana.

André deu alguns passos atrás, para melhor apreciar o palácio no seu conjunto e, ao olhar por cima do ombro, para evitar colidir com algum passante, exclamou:

— É aqui! O número 6 é aqui!

As duas irmãs viraram-se imediatamente para uma pequena livraria que se encontrava frente ao aparatoso *palazzo* italiano e depressa o esqueceram.

— Libreria Antiquaria — disse Ana, lendo a placa publicitária no lintel da porta, na qual figurava também o desenho de um palácio dourado.

Através da porta de vidro entreviam-se estantes a abarrotar de manuscritos antigos e livros de capas em pele amontoados uns em cima dos outros, nem sempre com muito cuidado.

— Que desordem espetacular! — disse o rapaz, aproximando-se. — Vamos entrar?

As irmãs seguiram-no, sem mais demoras. Ana entrou logo a seguir ao primo, deslumbrada com o cheiro das obras centenárias que imediatamente detetou no ar. Vendo-se rodeada de livros antigos, sentiu uma vontade irresistível de os abrir, curiosa para saber de que tratavam e a quem tinham pertencido.

Maria, que adorava antiguidades, estava igualmente encantada com o facto de nada ser novo ali dentro, de tudo ser antigo, de já ter pertencido a alguém e por isso estar recheado de história, possuindo, quem sabe, um passado misterioso. Por outro lado, aquele aspeto desorganizado provocava-lhe uma sensação estranha, talvez por imaginar que possuidores de obras tão antigas deveriam arrumá-las com mais cuidado. Quase tinha vontade de ali passar umas horas a ajudar o dono a ordenar os livros e a transformar o local numa livraria bem arrumada, embora soubesse que isso lhe retiraria aquele magnetismo característico.

André, de olho clínico, como seria de esperar, andava já à procura de alguma obra rara, perdida no meio de tantas outras, debaixo do pó e dos objetos antigos que partilhavam as estantes com livros e manuscritos.

O alfarrabista encontrava-se sozinho, sentado a uma escrivaninha coberta até ao chão com um tapete persa de tons dourados, motivos florais e um medalhão central em forma de estrela. Em cima desta, do lado direito, repousavam duas pilhas bastante altas de livros e manuscritos e, à esquerda, um bloco de notas, um candeeiro de leitura, um cálice e uma garrafa aberta de um bom vinho italiano.

Entretido a apontar algo no seu livro de notas, o homem não deu conta de que os jovens tinham acabado de entrar. Quando finalmente ergueu a cabeça, retirou os óculos e fitou-os com ar interrogativo, surpreendido pela juventude dos três. Ana, Maria e André obviamente não se integravam na categoria de clientes que costumava receber ali dentro.

— Posso ajudar-vos? — inquiriu, pronto a fornecer-lhes a informação turística que decerto procuravam e a voltar rapidamente aos seus afazeres.

Ana foi a primeira a aproximar-se, cada vez mais deliciada com o ambiente à sua volta, mas André antecipou-se-lhe. Esquivando-se da pergunta do alfarrabista, foi direto à questão essencial que obviamente o estava a intrigar desde que pusera os pés ali dentro:

– Qual é o livro mais caro que tem aqui à venda?

Surpreendido com a pergunta frontal do rapaz, o homem fitou-o de sobrolho franzido, tentando avaliar-lhe o rosto e perceber se a questão era o resultado de um excesso de franqueza ou pura desfaçatez.

– O que o meu primo quer dizer é: *que livraria extraordinária!* – elogiou Ana, mudando de assunto para desculpar o rapaz. – Já existe há muito tempo?

O alfarrabista acabou por pousar a lapiseira no tampo da escrivaninha, curioso agora com a interrogação da rapariga e percebendo que os jovens pareciam ter, afinal, um objetivo diferente do que imaginara.

Chamava-se Zeffiro Zanini, tinha cinquenta e cinco anos e um rosto retangular, com patilhas grisalhas e cabelos escuros de laivos acinzentados, espessos e a formar um ligeiro *v* na fronte. Os olhos eram verde-claros, com sulcos vincados, e o nariz aquilino, tipicamente italiano. Tinha dentes um pouco amarelados e lábios finos. Vestia um casaco de malha azul com um fecho-éclair corrido até acima do peito, deixando entrever um polo às riscas da mesma cor, com golas de fora.

– O meu pai abriu esta livraria dois anos antes da II Guerra Mundial – explicou, erguendo o queixo. – Começou com postais e livros em fascículos antigos e eu, com sete ou oito anos, já o acompanhava quando era preciso avaliar coleções.

– Avaliar coleções? – repetiu Ana, fascinada.

— Sim, normalmente são as viúvas a contactar-nos para saberem quanto valem as coleções dos falecidos maridos, porque vivem mais tempo — explicou o homem. — Agora já é raro, mas antigamente tínhamos algumas oportunidades em que éramos convidados a entrar em velhos palácios e castelos privados onde as bibliotecas eram vendidas por completo. Lembro-me de atravessar corredores escuros e compridos e de me sentir ansioso por saber o que iríamos encontrar ali dentro. Às vezes deparávamos com autênticos tesouros!

A descrição daqueles tempos antigos, do ambiente misterioso e a menção de possíveis tesouros levou os primos a darem um passo em frente, de olhos muito abertos, aproximando-se da secretária do alfarrabista sem disso se aperceberem.

— De que é que gosta mais no seu trabalho? — quis saber Ana.

Zanini sorriu. Aquela era uma boa pergunta.

— Gosto de encontrar velhos diários e memórias de família e descobrir o que as pessoas escreveram neles — respondeu, pensativo. — O meu pai ensinou-me a utilizá-los para procurar indícios de obras valiosas, mas, além disso, descobrem-se coisas muito interessantes nestes manuscritos, e quanto mais antigos forem, melhor.

— Imagino! — riu André, divertido a pensar nos mexericos que se haviam de encontrar em velhos diários.

De repente, entrou na livraria um homem de cabelos compridos e despenteados, com ar um pouco alienado e um cigarro na mão. Olhou para Zanini com ar interrogativo e depois para os primos, como se não compreendesse o que estavam os três a fazer ali dentro. Aproximou-se então do alfarrabista, esticou-se para ele com o cigarro na mão e pediu-lhe lume com um

gesto desembaraçado. Depois voltou a fitar os jovens e saiu sem dizer palavra.

— Também gosto de olhar para uma biblioteca privada e perceber que tipo de pessoa era o proprietário — continuou ele, como se nada tivesse acontecido e o homem nunca tivesse entrado na livraria. — Descobre-se a que facção política pertencia e que possibilidades financeiras, gostos e personalidade ele tinha.

— Quem me dera fazer o seu trabalho! — exclamou Ana, esquecendo o episódio. — E de que é que gosta menos?

— Ah! Ah! Não gosto de gente ignorante, que só quer comprar livros para os ter na prateleira! — disse o alfarrabista, com uma gargalhada. — Aprendi isso com o meu pai.

— E há assim tanta gente a querer comprar livros só para os ter na prateleira? — perguntou a rapariga, detetando uma historieta por trás daquele desabafo.

— Infelizmente, há mais do que seria de esperar — queixou-se ele, provando em seguida que Ana não se enganara. — Quando eu ainda era miúdo, lembro-me de que o meu pai conseguiu obter uma boa edição da *Divina Comédia*, de Dante, num mercado de alfarrabistas, em Florença.

«Não sei se sabem, mas esta é a maior obra de literatura escrita em língua italiana de todos os tempos. Está dividida em três partes, chamadas *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso* e Dante acabou de a escrever em 1320.

«Um dia entrou aqui na livraria uma senhora russa, jovem e muito bonita, e disse ao meu pai que estava interessada em comprar uma antiga *Divina Comédia*. A edição que tínhamos era do século XIX e o meu pai mostrou-lha, muito orgulhoso, justificando o elevado preço com a excelente qualidade dos três volumes.

«Para sua grande surpresa, a senhora não contestou o montante pedido, mas explicou que estava de passagem em Itália e não podia levar consigo a obra completa, pois não tinha espaço na mala. Queria apenas o *Inferno*.

«O meu pai respirou fundo e, com toda a amabilidade possível, disse-lhe que a obra não podia ser dividida, pois ninguém estaria interessado em comprar o *Purgatório* e o *Paraíso* sem o *Inferno*. Ela insistiu, dizendo que pagaria o preço dos três, mas levaria apenas um.

«Lembro-me perfeitamente do olhar com que o meu pai a fitou. Cordial como era, sorriu-lhe, sem mais comentários, e preparou o volume, como a senhora lhe pedira. Sabia perfeitamente que, graças àquele deplorável exemplo de ignorância, o *Purgatório* e o *Paraíso* nunca haveriam de sair da livraria.

«Não se enganou, porque ainda aqui estão.»

— Se fosse eu, tinha-me recusado a vender-lhe o *Inferno*! — disse Ana, indignada.

— Ah, ah! Sim, mas embora os alfarrabistas trabalhem por paixão, também precisam de ganhar a vida! — riu o homem.

O interesse dos três pareceu envaidecê-lo, pois deixou transparecer um sorriso ameno e acabou por revelar, olhando para André:

— O livro mais caro que tenho neste momento é uma Bíblia Sagrada de 1526, em latim, com uma capa de madeira entalhada. Custa cinco mil euros. Posso ajudar-vos em mais alguma coisa?

— Hã?... Ah, sim, claro! — exclamou André, que logo se pusera a examinar as prateleiras com o olhar para ver se identificava a bíblia. — Viemos cá de propósito porque andamos à procura de uma obra de Cristóvão Colombo.

A revelação pareceu assustar o alfarrabista, pois a sua expressão mudou de repente, como se lhe tivessem dado uma notícia extremamente desagradável. O sorriso pouco perceptível desapareceu por completo, o olhar mostrava agora confusão, temor, quase pânico. As pupilas, amplamente dilatadas, moviam-se com agitação de um jovem para outro, até que o homem cruzou os braços sobre a escrivainha e encolheu os ombros, tensos, até meio do pescoço.

— De Cr... Cristóvão Colombo?... — repetiu, gaguejando, mas depois, esforçando-se por recuperar um pouco o sangue-frio e aclarando a voz, prosseguiu. — *De Cristóvão Colombo ou sobre Cristóvão Colombo?*

— Bem... — iniciou o rapaz, com ar enigmático e um pouco erudito. — Estávamos a pensar em algo escrito por Colombo em 1493, depois de regressar da primeira viagem à América. Ana e Maria entreolharam-se, espantadas.

André, na véspera, só conseguira adormecer depois de investigar um pouco sobre a vida do navegador genovês e decidira que o período mais interessante para adquirir uma eventual obra do mesmo seria quando este era ainda considerado um herói por toda a gente, sobretudo pelos reis de Espanha, que tinham ajudado a patrocinar a sua viagem de descoberta. Dali para a frente, as coisas tinham começado a correr-lhe de mal a pior.

O alfarrabista, por seu lado, não parecia positivamente impressionado com a seleção do rapaz. Tinha agora os olhos muito abertos e mordida o lábio inferior com insistência, tentando ler o rosto de André à procura de algo que as suas palavras não revelavam.

— Um manuscrito de Colombo de 1493? — balbuciou, cada vez mais nervoso e assustado.

— Na verdade, pode ser uma obra *sobre* Cristóvão Colombo e sobre *qualquer* período da sua vida — clarificou Ana, desculpando de novo o primo pelo seu pedido exagerado e demasiado ambicioso. — É uma prenda de anos para o nosso pai. Sabemos que não podemos ser demasiado exigentes.

— Pois, compreendemos que não deve haver manuscritos de Cristóvão Colombo disponíveis à venda por aí — ajudou Maria, olhando de lado para André.

O homem pareceu relaxar um pouco, pois a tensão dos seus músculos faciais diminuiu visivelmente. Tossicou uma ou duas vezes e, por fim, disse, com uma voz muito mais serena:

— Então o que vocês procuram é simplesmente uma obra antiga sobre Cristóvão Colombo para oferecer ao vosso pai, não é assim?

— Isso mesmo! — responderam as duas irmãs ao mesmo tempo.

— Muito bem — disse o homem, respirando fundo e levantando-se da cadeira já mais descansado.

O sorriso ténue regressou aos seus lábios e os ombros voltaram à posição descontraída que tinham no início.

— Talvez vos possa ajudar — disse-lhes. — Tenho uma cópia de umas *Cartas Autógrafas de Cristóvão Colombo reeditadas em 1863*. Obviamente não se trata de um manuscrito, mas julgo que vos possa interessar e não custa nenhuma fortuna. Venham comigo.

Os jovens nem queriam acreditar na sua sorte. Estavam prestes a ver uma edição de cartas escritas por Cristóvão Colombo com mais de cento e cinquenta anos. Poderia não ser o tesouro que André desejava, mas não havia dúvida de que seria uma excelente prenda de anos para o embaixador Torres.

Seguiram o alfarrabista, que atravessou um pequeno corredor em arco, também este cheio de objetos até ao teto, e se introduziu numa sala contígua, tão pequena como a principal, mas ainda mais recheada de livros e obras antigas. Talvez por se encontrar longe da vista dos clientes, a desorganização reinava ali ainda em maior escala, o que provocou um arrepio a Maria.

— Peço desculpa pela desordem — escusou-se Zanini, sem grande convicção e pegando num velho livro que se encontrava no chão, no meio do caminho. — Este, por exemplo, é uma espécie de jornal oficial da República de Génova, de 1576.

— 1576?! — exclamou Maria, indignada com a falta de cuidado que um livro tão antigo estava a merecer do seu proprietário.

— Tenho outros mais antigos... — respondeu ele, divertido, entregando-lhe o livro para que a jovem o pudesse admirar.

André foi mais veloz do que a prima e pegou no exemplar como se este fosse feito de algodão.

— Uma obra de 1576!... — exclamou, extasiado, acariciando a capa e só então passando o livro a Maria.

— Esse livro já aqui está há mais de trinta anos e nunca ninguém o quis comprar — disse Zanini, divertido com o espanto dos jovens. — Parece-me que a publicação dos atos do governo da época não interessa a ninguém.

Não havia muito espaço para os quatro ali dentro e não podiam caminhar devido às pilhas de livros no chão, por isso cada um dos jovens parou na primeira área livre que encontrou. Estavam rodeados, não só de livros e manuscritos, mas também de pequenos objetos de arte e antiguidades de vários géneros, como candeeiros, uma velha máquina fotográfica, uma ampola

de vidro, caixas de fotografias, gravuras, mapas, jornais, revistas, quadros e até um ganso embalsamado. André reparou numas caixas de cartão antigas que lhe causaram grande espanto.

– Também aqui tem *gnocchi*!?! E de 1923? – perguntou, admirado. – Já devem estar mais do que estragados!

Zanini riu-se com o engano do rapaz e respondeu:

– Não te preocupes, não são para comer. *Gnocchi* era uma antiga marca de tinta-da-china...

Maria, que estava mais a jeito, deu uma cotovelada ao primo para este se abster de comentários disparatados e riu-se baixinho, troçando dele.

– E este pote azul? – perguntou o rapaz, muito depressa, envergonhado e tentando mudar de assunto.

Para melhor disfarçar o embaraço e se fingir descontraído, colocou o cotovelo no pote que se encontrava a seu lado, entre os livros de uma prateleira central, enquanto esboçava um enorme sorriso.

– Isso não é um pote – respondeu o alfarrabista, seco – é uma urna com as cinzas do meu pai.

André retirou imediatamente o cotovelo da urna. As bochechas ardiam-lhe como se tivesse estado a apanhar sol.

– Ah... – disse, envergonhado. – Desculpe...

– O meu pai sempre foi muito importante para mim – explicou o homem. – Ensinou-me tudo o que sei sobre esta profissão e esteve constantemente a meu lado, até há dois anos,

¹ Os *gnocchi* são um prato tipicamente italiano, feito com massa de batata e farinha (de trigo, de castanha ou de outro tipo), dividida em pequenos ovos achatados com cerca de dois centímetros de comprimento. (N. da A.)

quando morreu. O lugar mais indicado para as suas cinzas é aqui.

Mantendo silêncio, os primos acenaram em sinal de acordo. Aquele era um assunto privado. Deixaram o alfarrabista procurar o livro que pretendia vender-lhes sem o apressarem, distraídos a admirar a coleção de livros antigos que este possuía.

— Ummm, aqui está o que procurava — anunciou Zanini, ao fim de uns momentos. — *Cartas Autógrafas de Cristóvão Colombo reeditadas em 1863*. Este exemplar está em boas condições, podem ver com os vossos próprios olhos.

Ana, que estava mais perto dele, esticou imediatamente o braço para pegar no livro antigo, mas o alfarrabista pareceu mudar de ideias e não lho entregou.

— Vamos voltar para a outra sala — justificou, olhando por cima do ombro de Maria. — Daqui não vejo quem entra na loja.

Os quatro regressaram à sala principal e Zanini entregou então o velho exemplar à rapariga, antes de se sentar de novo à secretária. Os outros dois, a seu lado, depressa concordaram que aquele seria o melhor presente que já tinham oferecido ao embaixador Torres.

O alfarrabista, que entretanto voltara aos seus afazeres, deixou cair uma caneta ao chão, por descuido, e Ana, que estava mais perto, logo se baixou para a apanhar.

Apaixonada por livros antigos como era, acabou por sentar-se ali, exatamente onde se encontrava, ao lado da escrivaninha, no chão, de pernas cruzadas, e estava tão abstraída a admirar o velho livro que se esqueceu por completo dos outros. Sentia-se como se estivesse sozinha no interior da loja, livre para dissecar os livros e os manuscritos que desejasse e pelo tempo que fosse necessário.

O livro à sua frente continha cópias das cartas originais impressas de Cristóvão Colombo, com magníficos caracteres góticos antigos, a imitar os dos manuscritos, e algumas gravuras de navios, de nativos e de mapas das ilhas descobertas pelo genovês. O texto das mesmas aparecia em espanhol, tal como este as redigira, e também traduzido para italiano.

Ana concentrou-se a ler duas cartas que Colombo escrevera aos Reis Católicos, uma em março de 1493, após a sua primeira viagem de descoberta do que pensava serem as Índias, outra em julho de 1503, após a última. Sorriu, divertida, notando que, de certa forma, André sempre obtivera o que pedira a Zanini ao entrar na loja: algo escrito por Colombo em 1493, depois de este regressar da primeira viagem à América.

O primo e a irmã deixaram-na examinar o livro com calma. Eles próprios tinham muito com que se entreter nas prateleiras das estantes do alfarrabista.

De repente, ouviu-se a voz de um homem que acabava de entrar na loja e que, em voz alta e tom autoritário, perguntou:

– *Signor Zeffiro Zanini?*

O alfarrabista retirou os óculos que entretanto colocara e ergueu o queixo, olhando de frente para o indivíduo. André e Maria encontravam-se de costas para a porta, mas a expressão de pânico que lhe detetaram na face fê-los voltarem-se imediatamente na direção do desconhecido.

– *Polizia?...* – murmurou Zanini.

Tratava-se, de facto, de um polícia acompanhado de dois colegas que tinham estacionado o carro dos *carabinieri* mesmo à porta da livraria, levando alguns curiosos a espreitar para dentro do local. Um deles ficou à porta, à espera, e o outro entrou com o primeiro.

— Sim, sou eu — confirmou o alfarrabista, preocupado.

— Precisamos de falar consigo — continuou o polícia, muito sério.

O antiquário acedeu, trémulo, e estava para se levantar, mas o polícia fez-lhe sinal para se deixar estar sentado.

Mortinhos para saber o que se estava a passar, André e Maria mantiveram-se de costas para os polícias, fingindo-se distraídos e continuando a pesquisar as estantes. Esperavam que estes não se importassem com a sua presença, mas enganaram-se, pois um deles, indicando a porta, disse-lhes:

— Desculpem, mas vamos ter de vos pedir para sair.

Dececionados e cada vez mais curiosos, os jovens anuíram, mas antes de se dirigirem para a saída, voltaram-se para trás, por reflexo, à procura de Ana. Só então repararam que nem eles, nem os polícias a conseguiam ver dali. Ana encontrava-se certamente ainda sentada no chão, atrás da escrivaninha, oculta pelo tapete persa e pelas duas pilhas de livros que o alfarrabista tinha em cima da mesma.

Para dissimularem o movimento brusco, acenaram a Zanini, cumprimentando-o, e saíram sem mais demoras. Afastaram-se da porta, escolhendo, contudo, uma posição que lhes permitia ver o que se passava dentro da livraria. Talvez Ana conseguisse permanecer escondida e ouvir toda a conversa.

Com efeito, a jovem estava tão curiosa quanto eles. Ao ouvir a voz do desconhecido enunciar o nome do alfarrabista, também ela olhara para ele e detetara o seu assombro. Tencionara levantar-se, mas a palavra *Polizia* proferida por Zanini fizera-a mudar de ideias e levava-a, instintivamente, a enfiar-se debaixo da escrivaninha e do tapete persa.



Ouviu a irmã e o primo abandonarem a loja e, em seguida, os passos dos polícias a aproximarem-se. Apreensiva, reteve a respiração e encolheu-se, abraçando os joelhos e assegurando-se de que os agentes não a viam. Se eles dessem com ela ali escondida, não saberia como explicar-se.

— Conhece estas seis pessoas? — perguntou um dos investigadores ao alfarrabista, colocando seis fotografias em cima da secretária.

Zanini não precisou de muito tempo para lhes responder:

— Sim, vi-as uma vez.

— Em que circunstâncias? — perguntou o polícia, examinando o rosto do homem em pormenor.

— Como acontece com o resto dos meus clientes, estiveram aqui na loja à procura de obras antigas — relatou Zanini, esforçando-se por se manter sereno.

— Lembra-se do que procuravam? — insistiu o agente.

— Na realidade, não me lembro. Entra aqui tanta gente...

— *Entra aqui tanta gente...* — repetiu o polícia, em jeito de remoque. — Mas, no entanto, reconheceu-os imediatamente.

O alfarrabista manteve-se em silêncio durante alguns segundos, mais interessado em ocultar o seu nervosismo do que em procurar uma resposta adequada.

— Sou um bom fisionomista — acabou por dizer.

— Estas seis pessoas desapareceram todas precisamente no dia em que estiveram aqui — especificou um segundo polícia, ríspido.

— Ai sim? — limitou-se a proferir Zanini.

— Tem a certeza de que não possui nenhuma informação sobre eles que nos possa ajudar a encontrá-los? — insistiu o primeiro polícia.

– Infelizmente, não – apressou-se a responder o alfarrabista, engolindo em seco.

– Muito bem – rematou o agente, colocando o seu cartão de visita em cima da escrivaninha. – Eu chamo-me Giordano e o meu colega chama-se Barbieri. Se se lembrar de alguma coisa que nos possa ser útil, contacte-nos, por favor.

Zanini acenou, em sinal de acordo, e levantou-se para os acompanhar à porta.

Passaram-se alguns momentos de um silêncio mortificante. Zanini permaneceu frente à porta de vidro, a fitar o exterior, de olhos postos no veículo dos *carabinieri* que depressa se afastou dali por entre os transeuntes curiosos.

Ana saiu debaixo da escrivaninha e levantou-se, também ela emudecida. Depois, sem compreender bem porquê, perguntou:

– Sr. Zanini, o que procuravam aquelas seis pessoas?

Não soube de onde lhe surgiu a coragem ou, porventura, a ousadia para tal. Como poderia ela supor que o alfarrabista lhe diria algo que não confessara à Polícia? Esperava talvez que o olhar intrigado do homem ao ver os três jovens entrar na sua livraria, e perante tantas perguntas, pudesse esconder uma certa simpatia por eles. De algum modo, aquela situação recordava-lhe uma outra, passada também numa biblioteca, dessa vez em Paris, anos antes. E também naquela ocasião a bibliotecária se enternecera com ela e acabara por condescender ao seu pedido, autorizando-a a levar para casa um dos livros proibidos².

² Ver *O Segredo do Mapa Egípcio*, no qual Ana convence uma bibliotecária a deixá-la requisitar um livro marcado com um sinal vermelho na lombada e que normalmente não poderia sair da biblioteca. Graças à sua ousadia e ao seguirem a pista de um mapa misterioso, os primos vivem uma empolgante aventura no Egito, onde encontram beduínos do deserto que lhes contam lendas e histórias magníficas. (N. da A.)

Ou talvez tivesse sido um outro olhar, revelado igualmente por Zanini, a alertá-la para algo que começava a adivinhar e a temer.

O alfarrabista voltou-se de frente para ela e fitou-a com terror e desespero no olhar. Com um fio de voz, respondeu:

— Aquelas seis pessoas procuravam exatamente a mesma coisa. Estiveram aqui na semana passada, e todas me pediram algo escrito por Colombo em 1493, depois de regressar da primeira viagem à América...

Ana engoliu em seco, alarmada, sem saber o que pensar.